

PRÓLOGO

A noite estava destinada a acabar, mas isso não implicava que estivesse preparada para a deixar.

Para *o* deixar.

A luz dos candeeiros de rua tremeluz por breves instantes antes de todos se apagarem em simultâneo, filas inteiras a apagarem após horas a iluminar o nosso caminho por toda a cidade. O brilho suave rosado do amanhecer de verão ergue-se sobre Paris. Sem sequer falarmos, eu e o Zach caminhamos de regresso a Champ de Mars, os enormes e bem cuidados jardins que conduzem à Torre Eiffel, o mesmo sítio onde nos conhecemos na noite anterior. Até agora, os passeios eram quase completamente nossos, mas vi alguns transeuntes, os olhos ainda meio fechados de sono, a neblina da manhã quase como um cobertor fino que os cobria. Os sinais estão a toda a nossa volta. Paris está a acordar, o que significa que o nosso tempo está quase a acabar. Por agora.

Lendo o meu pensamento, o Zach pega no telemóvel para ver as horas. Debruço-me para ver também: 5h36. A realidade encara-me de frente e é demasiado brilhante.

— Falta menos de uma hora — digo, tentando afastar o medo da minha voz.

Chegamos à extremidade do parque — deserto, com exceção de algumas pessoas que passeiam os cães — e o Zach abraça-me. Entero-me nele, sentindo o aroma do seu cheiro almiscarado, misturado com a relva acabada de cortar, o capuz da camisola macio como uma almofada onde não me importava nada de adormecer, apesar de a alça da mochila dele me arranhar o rosto.

— Vou sentir a tua falta — murmura-me ele ao ouvido. — Um ano parece tanto tempo.

O meu coração bate com força contra o peito. Sei aquilo que combinámos, ainda assim o meu pensamento corre veloz com a esperança. E se ele ficasse mais um dia, mais uma semana? Passámos a noite toda a falar sobre estas coisas. O meu curso de verão na Le Tablier, o programa de culinária mais conceituado de França, acabou recentemente. Em breve, estarei a preparar-me para o meu último ano na escola secundária da minha cidade, nos arredores de Tours. Enquanto isso, o Zach vai atravessar o mundo de mochila às costas durante um ano e viver os melhores dias da sua vida. Paris foi a sua primeira paragem e esta manhã vai de comboio para Berlim. Como é *óbvio*, estou cheia de inveja, mas por outro lado... o facto de nos termos encontrado agora é tão mau que me dá vontade de gritar. Por que diabo tínhamos de nos conhecer na última noite que ele passou na cidade?

— Eu também vou sentir a tua falta — respondo. — E se... — Levanto os olhos e fito os dele.

O Zach passa a mão pelo meu cabelo grosso e ondulado, levanta-me o queixo e beija-me. Provoca-me o melhor dos arrepios. Ficamos a pé durante a noite toda, a cirandar pela cidade; passámos pelo Arco do Triunfo, descemos as ruas estreitas e tortuosas de Saint-Germain e até subimos a Montmartre, parando pelo caminho para experimentar a comida de rua.

Comemos batatas fritas com *ketchup* de uma banca. Comprámos um queijo de cabra e uma baguete numa mercearia que está aberta toda a noite. Depois, comemos crepes com chocolate, que o Zach ainda não provara desde que chegara a Paris, há alguns dias. Duas horas depois, os lábios dele ainda têm um sabor doce.

Nunca tive uma noite como esta, muito menos em Paris. Vivo a duas horas de distância, numa pequena cidade a sudoeste, mas quase parece num mundo diferente. Não tem os restaurantes, as lojas, os cafés e a música, as multidões onde nos podemos perder, nem transmite a sensação de estarmos num lugar verdadeiramente especial. Como a boa filha que sou, todas as noites, durante o curso de verão, regressava a casa de comboio, suspirando pelo ambiente fabuloso que deixava para trás.

Esta foi a única noite em que fiz planos para ficar em Paris com os meus amigos no dormitório da escola, para me poder juntar a eles no piquenique de fim de verão. Só que nunca cheguei a ir ao encontro.

— Estás a mudar de ideias? — pergunta o Zach.

O meu coração bate ainda com mais força — é a falta de sono combinada com um desejo fervoroso.

— *Tu* estás?

— Não! — respondemos ambos ao mesmo tempo, demasiado alto para o silêncio do início da manhã.

Dou uma risada, mas rapidamente sinto a seriedade do momento a abater-se sobre mim.

— Daqui a um ano, acabo o secundário. *Finalmente*. E depois acaba-se a vida aborrecida na minha pequena cidade.

Paris é uma cidade linda, excitante, espantosa até. Mas não é Nova Iorque. *Nenhum* outro lugar é Nova Iorque.

Desde que deixei a cidade, quando tinha dois anos, que sonho em voltar a viver lá. *A Big Apple* não é só a cidade dos sonhos, é também o lugar onde nasci. Onde *pertence*.

— Vamos estar juntos — acrescento. — Vamos *mesmo*.

É o destino. Não há outra forma de o dizer. Algumas pessoas sonham em entrar para uma faculdade de renome, mas eu só quero arrumar as minhas facas de *chefe* e viver uma vida cheia de aventuras. O tipo de vida que os meus pais tinham antes de a minha mãe me arrastar para França para me tornar um ratinho do campo.

Quando o Zach me disse que era americano e que, depois da sua viagem, tinha trabalho garantido como cozinheiro num afamado restaurante de Nova Iorque, o meu coração deu uma dúzia de cambalhotas. Qual era a probabilidade? Só podíamos estar destinados um ao outro.

Porque *estamos*.

Antes disso, temos um ano inteiro pela frente. Caminhamos em silêncio durante algum tempo e reparo num casal a beijar-se num banco, protegido pelas sombras. A imagem só faz com que o meu coração se contraia ainda mais. Aqueles éramos nós, ontem à noite. Eu estava a admirar a vista antes de ir para o piquenique quando o Zach apareceu e se sentou ao meu lado. Começámos logo a falar e

nunca mais parámos. Talvez este casal possa estar junto durante o próximo ano, enquanto eu poderei apenas sonhar em ter novamente o Zach nos meus braços.

— As relações de longa distância são horríveis — diz o Zach. — Se passarmos o próximo ano a trocar mensagens e só a tentar... Não sei...

— Não vai resultar.

Disso tenho a certeza.

Tivemos esta conversa várias vezes ao longo da noite e a conclusão a que chegámos foi sempre a mesma. Nunca estive nessa situação, mas já vi algumas amigas desesperadas por manter o contacto com rapazes que conheceram em viagens de esqui aos Alpes ou em férias de praia na Côte d'Azur. Trocavam mensagens frenéticas durante semanas, faziam imensos planos para ficarem juntos e depois... as coisas acabavam sempre por esmorecer.

— Vamos dar cabo de tudo. É melhor esperarmos até podermos estar juntos. De verdade. Conhecemo-nos por um motivo. Isto não pode ser uma coincidência.

Ele assente, o seu rosto com uma expressão séria. Eu sei — e ele sabe — que isto que surgiu entre nós é especial.

— Sim, mas até essa altura chegar... — diz ele, com a voz a falhar.

— Eu espero por ti — murmuro.

— Margot — responde ele com um suspiro profundo.

Há uma certa corrente elétrica entre nós que me faz sentir que nem sequer importa se estivermos afastados. Já nos ligámos de uma forma muito mais profunda.

— Diz-me outra vez quais são as tuas coisas favoritas em Nova Iorque — pergunto-lhe, para aliviar o ambiente.

— Tudo. A energia, as pessoas, a sensação de que lá tudo é possível. A comida maravilhosa... embora saiba que a comida francesa também é ótima.

— A comida francesa é ótima, sim — digo, apesar de não ser exatamente essa a minha opinião. — Quero dizer, é boa. Acho que é tão famosa por algum motivo. Mas também é a *única* coisa que comi durante toda a minha vida. É o que a minha mãe faz no restaurante dela... só os pratos mais tradicionais... e já começo a sentir

que é tudo tão... antiquado? Um pouco aborrecido? — Sorrio para ele. — Estou pronta para provar coisas novas.

Ele dá-me um beijo.

— Nova Iorque é diferente de tudo o resto. Vais adorar *tanto* a cidade. Mal posso esperar por partilhá-la contigo.

O corpo dele está elétrico enquanto fala dos seus lugares favoritos, da vida que tem lá — andar de *skate* no Central Park, ir a concertos de *rock indie* em Brooklyn, quais os melhores pratos para pedir num restaurante famoso que foi usado como cenário de um filme. Fico ansiosa por sentir a emoção de todas estas coisas.

De regresso à Torre Eiffel, onde tudo começou, tanto eu como o Zach sabemos que chegou a hora de nos despedirmos. Mas nenhum de nós consegue dizer as palavras, aceitar que não nos vamos ver durante um ano inteiro. Cada batimento do coração parece um segundo que se esgota no relógio.

Ele inspira profundamente.

— Tens a certeza de que não queres viajar comigo?

Solto uma gargalhada. Não seria simplesmente maravilhoso se esta noite pudesse largar tudo e ir atrás dele para as ruínas de Atenas, ou os *souks* de Marraquexe, ou as praias de areia fina da Croácia? Mas... tenho a escola. Tenho a minha mãe. E não tenho dinheiro. Sou uma sonhadora, mas de vez em quando até eu consigo ser um pouco razoável.

Não vai acontecer.

Abano a cabeça e ele encolhe os ombros com tristeza.

— Bem, tinha de tentar.

Pego no meu telemóvel e o Zach franze o sobrolho.

— Pensei que não íamos trocar números?

Essa, admito, era essa a minha ideia. Trocar números de telemóvel ou o nome do Instagram implicava trocar mensagens, eu ver as fantásticas aventuras dele e sentir ainda mais pena de mim mesma na última fila das aulas de Química. Sou tão apegada ao telemóvel como qualquer rapariga de dezassete anos, mas, vá lá, tecnologia e romance não condizem. Se eu e o Zach vamos ficar juntos — e vamos —, tem de ser épico. Uma história que vamos contar para o resto das nossas vidas. Juntos.

— Não vamos — respondo, mais convencida do que nunca.
— Mas precisamos de marcar uma data. E um local.

— Escolhe tu — diz ele com um sorriso. — E estarei lá, à tua espera.

Abro o calendário — que, sem surpresa, já está aberto nos meses do próximo verão.

— Que tal o dia 1 de agosto?

Depois de as aulas acabarem, vou ter de trabalhar no restaurante da minha mãe durante uns tempos para juntar algum dinheiro.

O Zach escreve algumas letras no telemóvel.

— Muito bem. Às duas da tarde?

Inspiro profundamente. Uma hora daqui a um ano.

— Duas da tarde não me parece uma hora muito romântica. E se for à meia-noite?

— Tens razão. Fica à meia-noite. Agora, falta o sítio.

A pressão atinge-me.

— Conhecês Nova Iorque melhor do que eu — digo. — Queres escolher tu?

Ele pensa por um instante.

— Acho que é mais divertido se fores tu a escolher. Qual é o lugar onde queres ir assim que chegares?

Para ser sincera, não há apenas um. Quero ver tudo: o Empire State Building, o Central Park, Chinatown, o Met, as ruas encantadoras de West Village...

— Times Square — respondo por fim.

O Zach ri-se.

— Hum, está bem? Mas Times Square é enorme e está sempre cheio de gente, de dia e de noite.

Fecho os olhos e vejo as luzes de néon, o bulício, todas as cenas dos filmes que mostram a famosa praça como se fosse o único sítio para se estar. O centro do mundo. Imagino o Zach a puxar-me para os seus braços, a rodopiar comigo e a beijar-me para toda a cidade ver. Parece-me bem.

— Dia 1 de agosto, à meia-noite, nos degraus de Times Square, do lado direito, em baixo.

O plano está traçado. É definitivo e o Zach provavelmente consegue lê-lo no meu rosto, porque baixa a cabeça e beija-me. A eletricidade sai disparada para cima e para baixo pelo meu corpo. Vamos mesmo fazer isto.

Ele recua e solta um suspiro profundo.

— E se decidires que, afinal, não vais para Nova Iorque? E se arranjares um emprego espetacular num restaurante em Paris e decidires ficar cá?

Percebo que ele tem mais suposições, por isso interrompo-o.

— E se *tu* decidires não voltar a Nova Iorque? E se conheceres outra rapariga durante a viagem? E se partires uma perna enquanto vais a caminho de Times Square e não chegares a aparecer?

Ficamos a olhar um para o outro em silêncio, com a Torre Eiffel altaneira sobre nós.

Depois, continuo.

— O que se passa é o seguinte: há uma eternidade que morro de vontade de sair da minha pequena cidade onde Judas perdeu as botas. *Preciso* que isto aconteça. Ao longo destas últimas semanas, enquanto fiz o curso, percebi que estou mais do que preparada para começar a minha vida. Por isso, não há a menor hipótese... *a menor*... de não ir para Nova Iorque no próximo verão. No dia 1 de agosto, à meia-noite, estarei em Times Square, mesmo que o mundo à minha volta esteja a desabar.

O peito do Zach sobe e desce enquanto no rosto aparece um sorriso rasgado.

— E eu também. — Puxa-me para mais próximo. — Adeus, Margot.

Os lábios dele pairam a escassos centímetros dos meus, demoram-se. Considerando o grande panorama da vida, um ano é apenas um piscar de olhos. A forma como me fita neste momento, o brilho que lhe vejo nos olhos, faz-me acreditar que tudo é possível.

— *À bientôt* — respondo. Ao ver-lhe expressão confusa, traduzo: — Até breve. Muito em breve.

O Zach beija-me e o nosso destino fica selado.